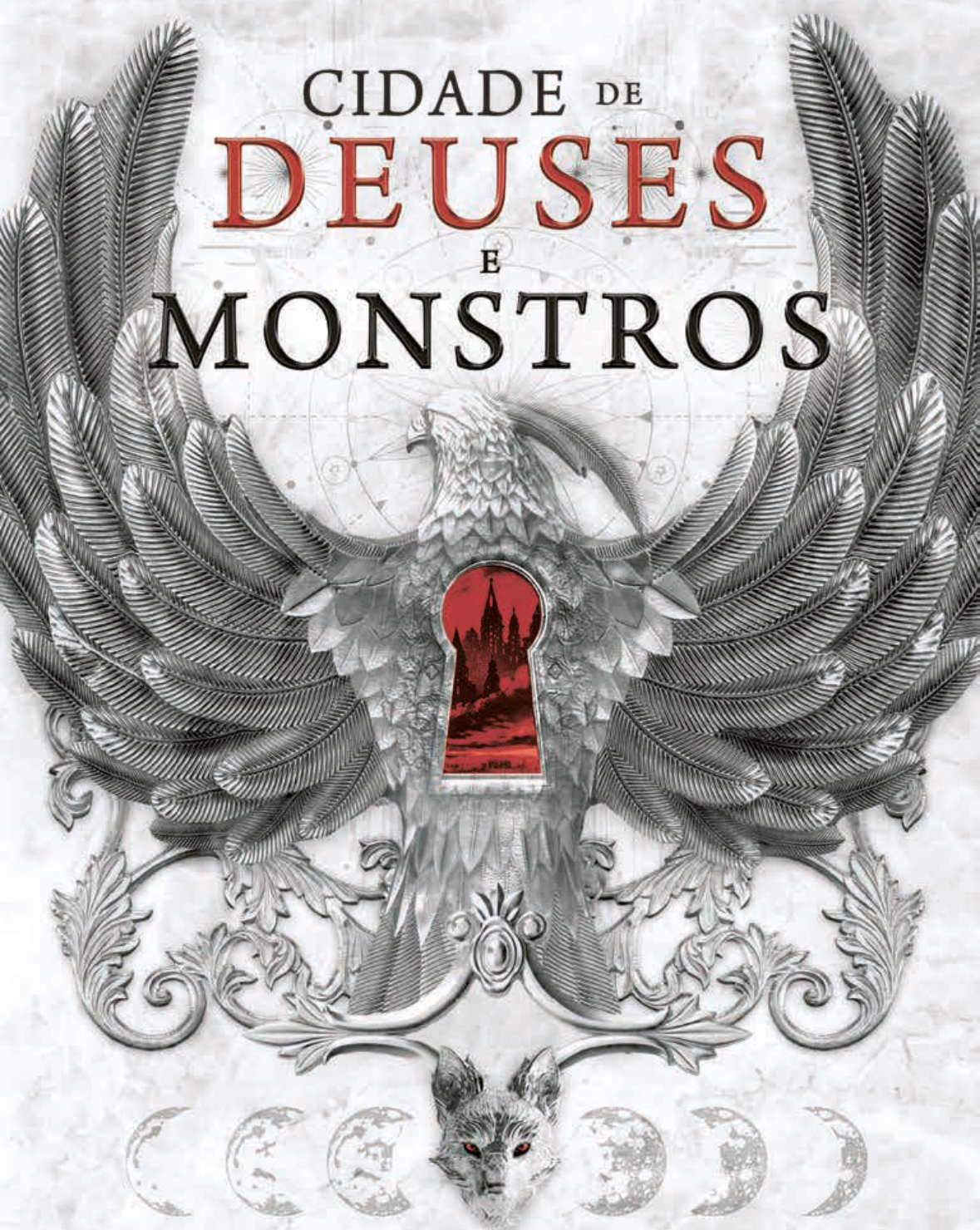


KAYLA EDWARDS

CIDADE DE
DEUSES
E
MONSTROS



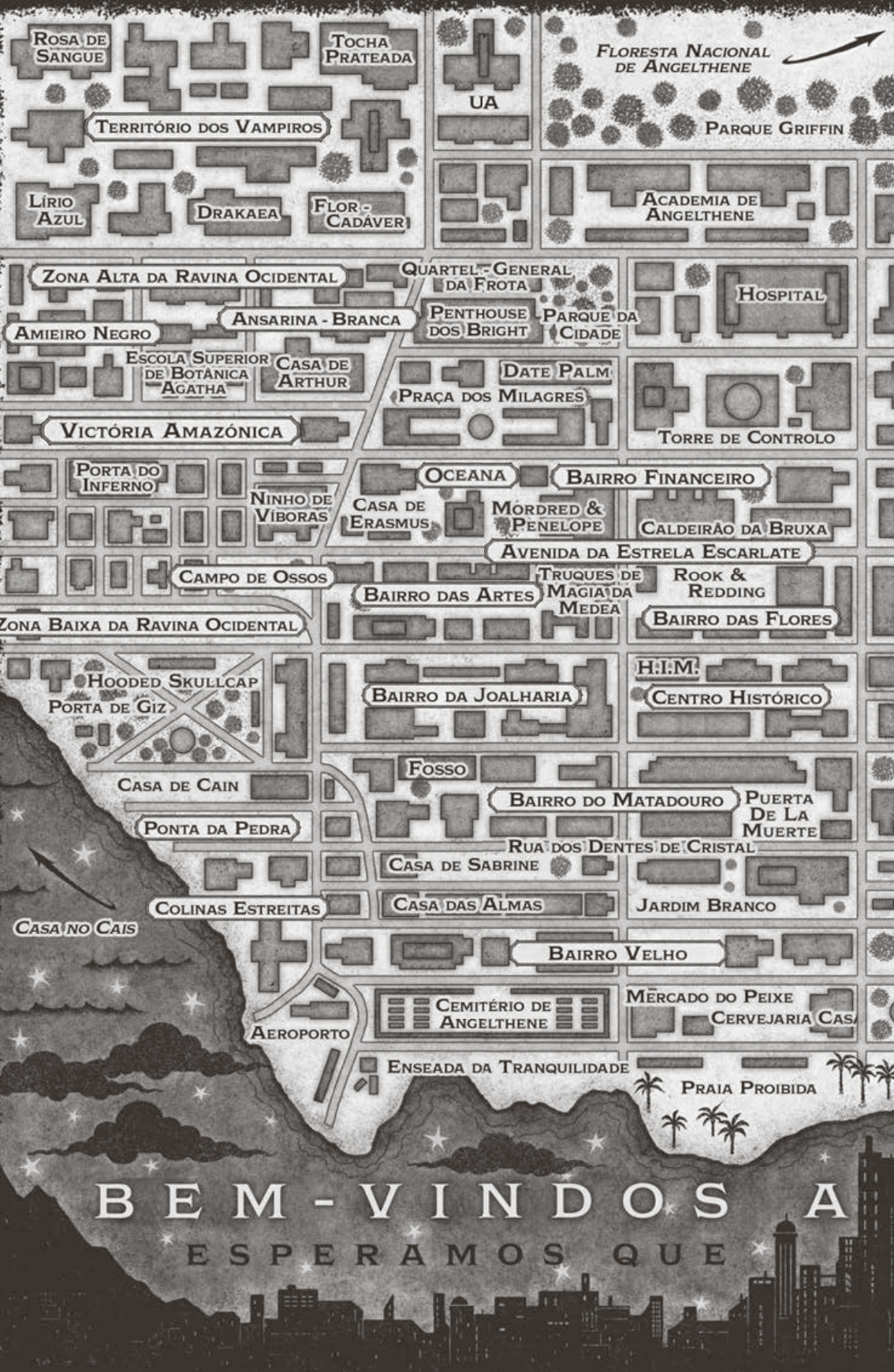
OTHER
SIDE



Para o Jeff

— minha fortaleza, meu melhor amigo, meu porto de abrigo.

Meu tudo.



ROSA DE SANGUE

TOCHA PRATEADA

UA

FLORESTA NACIONAL DE ANGELTHENE

PARQUE GRIFFIN

TERRITÓRIO DOS VAMPIROS

LÍRIO AZUL

DRAKAEA

FLOR-CADÁVER

ACADEMIA DE ANGELTHENE

ZONA ALTA DA RAVINA OCIDENTAL

QUARTEL-GENERAL DA FROTA

HOSPITAL

AMIEIRO NEGRO

ANSARINA - BRANCA

PENTHOUSE DOS BRIGHT

PARQUE DA CIDADE

ESCOLA SUPERIOR DE BOTÂNICA AGATHA

CASA DE ARTHUR

DATE PALM

PRAÇA DOS MILAGRES

VICTÓRIA AMAZÔNICA

TORRE DE CONTROLO

PORTA DO INFERNO

NINHO DE VIBORAS

OCEANA

BAIRRO FINANCEIRO

CASA DE ERASMUS

MÓRDRED & PENELOPE

CALDEIRÃO DA BRUXA

CAMPO DE OSSOS

AVENIDA DA ESTRELA ESCARLATE

BAIRRO DAS ARTES

TRUQUES DE MAGIA DA MEDEA

ROOK & REDDING

BAIRRO DAS FLORES

ZONA BAIXA DA RAVINA OCIDENTAL

HOODED SKULLCAP

PORTA DE GIZ

BAIRRO DA JOALHARIA

H.I.M.

CENTRO HISTÓRICO

CASA DE CAIN

FOSSO

BAIRRO DO MATADOURO

PUERTA DE LA MUERTE

PONTA DA PEDRA

RUA DOS DENTES DE CRISTAL

CASA DE SABRINE

CASA DAS ALMAS

JARDIM BRANCO

COLINAS ESTREITAS

BAIRRO VELHO

CEMITÉRIO DE ANGELTHENE

MERCADO DO PEIXE

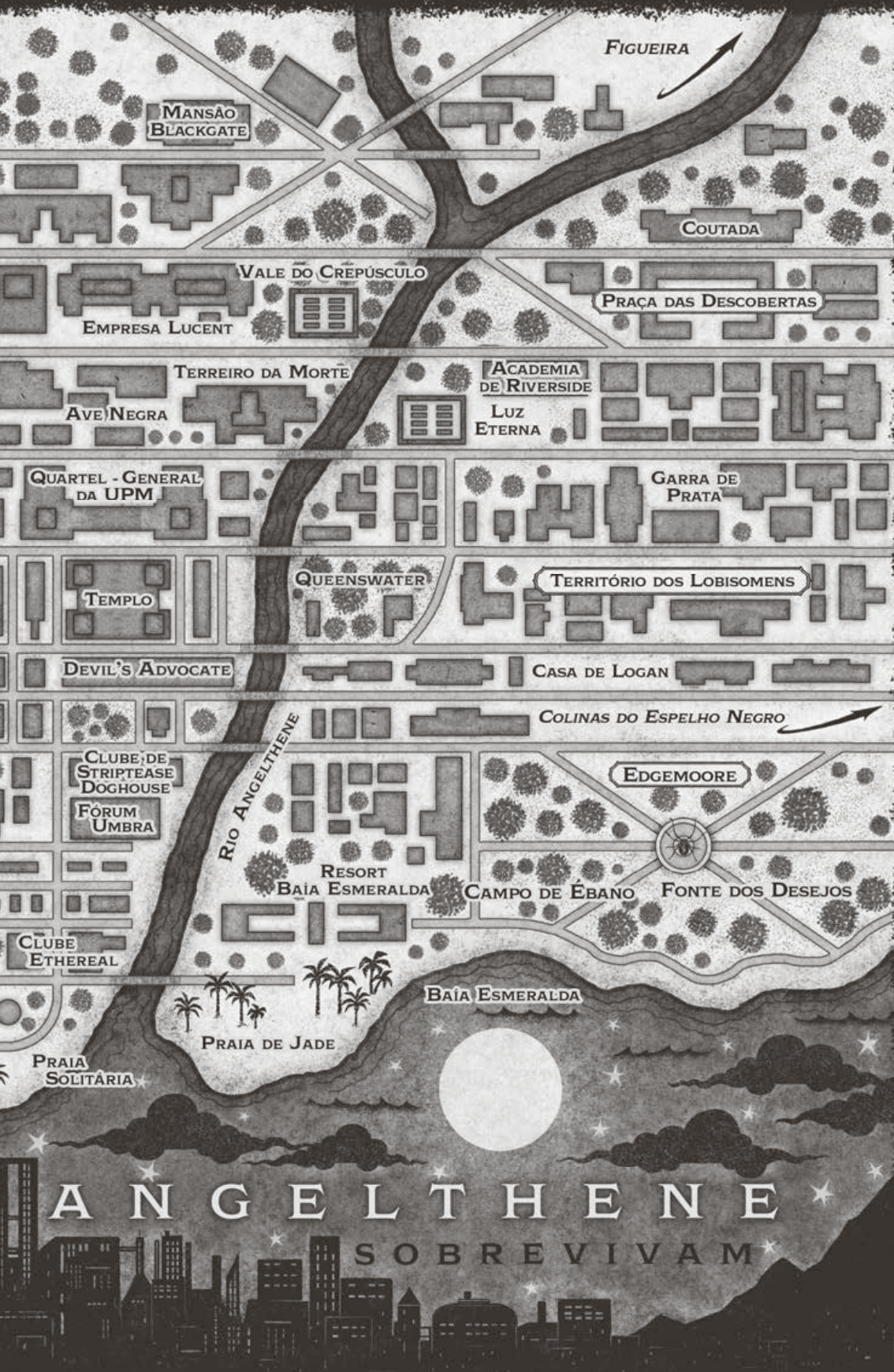
CERVEJARIA CASA

AEROPORTO

ENSEADA DA TRANQUILIDADE

PRAIA PROIBIDA

BEM-VINDOS A
ESPERAMOS QUE



MANSÃO
BLACKGATE

FIGUEIRA

COUTADA

VALE DO CREPÚSCULO

PRAÇA DAS DESCOBERTAS

EMPRESA LUCENT

TERREIRO DA MORTE

ACADEMIA
DE RIVERSIDE

AVE NEGRA

LUZ
ETERNA

QUARTEL - GENERAL
DA UPM

GARRA DE
PRATA

TEMPLO

QUEENSWATER

TERRITÓRIO DOS LOBISOMENS

DEVIL'S ADVOCATE

CASA DE LOGAN

COLINAS DO ESPELHO NEGRO

CLUBE DE
STRIPTEASE
DOGHOUSE
FÓRUM
UMBRA

EDGEMOORE

CLUBE
ETHEREAL

RESORT
BAIA ESMERALDA

CAMPO DE ÉBANO

FONTE DOS DESEJOS

BAIA ESMERALDA

PRAIA DE JADE

PRAIA
SOLITÁRIA

ANGELTHENE

SOBREVIVAM

CAÇADORES DAS TREVAS DE ANGELTHENE

Os Sete Demónios

Marcados com um S com chifres na caligrafia gótica de um mundo antigo, devem obediência a Darien Cassel, chefe da Porta do Inferno.

* * *

Os Ceifeiros

Marcados com o Deus da Morte, envolto num manto e com uma máscara, devem obediência a Malakai Delaney, chefe da Casa das Almas.

* * *

Os Caçadores

Marcados com um mastim infernal, devem obediência a Lionel Savage, chefe da Coutada e braço direito de Randal Slade.

* * *

Os Anjos da Morte

Marcados com asas sobrepostas em tinta branca, devem obediência a Dominic Valencia, chefe do Terreiro da Morte.

* * *

Os Wargs

Marcados com um quarto crescente em tinta luminescente, devem obediência a Channary Graves, chefe da Casa no Cais.

* * *

As Víboras

Marcados com uma serpente em movimento, devem obediência a Jude Monson, chefe do Ninho de Víboras.

Todos os círculos dos Caçadores das Trevas de Angelthene estão sob a alçada de Randal Slade, líder de todos os círculos da cidade. Só aqueles que integram um destes seis círculos podem desempenhar funções de Caçador das Trevas em Angelthene. Qualquer infração a esta regra é punível com pena de morte.

PARTE I

ACADEMIA
DE MAGIA DE
ANGELTHENE



— **S**e voltas sequer a *olhar* para ela, parto-te as quatro patas, sarnento. Se não fosse Dallas a defendê-la, Loren Calla talvez tivesse saído a correr pelas portas de metal da discoteca Sua Majestade Infernal naquele preciso momento. A fumaça de gelo seco que inundava a pista de dança não conseguia esconder as centenas de rostos que observavam a cena a desenrolar-se sob as luzes estroboscópicas azuis, os seus olhos ansiosos de curiosidade.

O lobisomem que estava diante de Loren — erguendo-se nas suas duas pernas humanas, apesar do insulto de Dallas — tinha despejado um copo cheio de cerveja na cabeça dela. O cabelo louro que lhe dava pela cintura estava a pingar, e o tecido branco do seu vestido curto e justo estava encharcado e era agora transparente. A cerveja tinha acabado de ser tirada à pressão, mas, apesar de estar gelada, Loren ainda sentia o corpo a esquentar de vergonha.

Bruxas como Dallas costumavam dar-se bem com lobos. Não fosse o facto de Loren ser humana e, portanto, não pertencer realmente a Angelthene — também conhecida como a Cidade dos Corações Eternos, uma metrópole em expansão que privilegiava uma população imortal — e a noite poderia ter decorrido sem incidentes; sem que a sua amiga e irmã adotiva — uma venéfica de raça pura muito mais respeitada do que Loren — tivesse de intervir e defendê-la.

Quando o lobisomem se aproximou de Loren e a convidou para dançar, ela recusou da forma mais educada possível. Ele não aceitou bem a rejeição, não obstante a civilidade. Afinal de contas, aquela era uma saída só de miúdas. Dallas tinha sido *muito* clara quanto a isso antes de arrastar Loren e Sabrine Van Arsdell, que tinha ido buscar mais uma bebida ao outro lado da sala, para um rali de discotecas. Dallas não admitia que um verão pudessem acabar sem uma saída em grande, quanto mais aquele — o verão antes de começarem o primeiro ano na Academia de Magia de Angelthene.

A maioria das raparigas da idade de Loren não teria hesitado em sair para a farra, mas a verdade é que ela só desejava enrolar-se no sofá. Os sofás eram seguros. Os sofás eram normais. Exatamente como ela preferia tudo na sua vida.

Os olhos cor de fogo do lobo brilhavam de raiva enquanto este examinava Loren, com as mãos a tremerem ao lado do corpo enquanto lutava contra a Transformação. Subjacente ao odor a suor, vômito e fumo de cigarro, o cheiro a cão molhado invadiu o espaço.

— Ela é tua guarda-costas ou tua desmancha-prazeres? — perguntou, referindo-se a Dallas.

— Ela é minha irmã — retrucou Loren, com a voz trémula. Cerrou os punhos e cravou as unhas nas palmas das mãos. — E agora passou a ser tua inimiga.

O lobisomem alternou o olhar entre a rapariga e Dallas.

— Uma humana com uma irmã bruxa? — bufou. — Tenho cara de parvo, por acaso?

— Por acaso, tens — disse Dallas friamente. — Porque acabei literalmente de te avisar que te partiria as patas se voltasses a olhar para ela.

— Queres resolver isto lá fora, venéfica? — escarneceu ele.

Um segundo lobisomem, que envergava um casaco com a sigla da universidade, aproximou-se do amigo. Havia cautela no seu olhar, e mesmo com a música a ressoar pelo edifício e a fazer tremer o chão debaixo dos sapatos de pele em tom pérola de Loren, esta não precisou de ter audição imortal para conseguir distinguir as palavras que o novo lobisomem sussurrou ao ouvido do amigo.

— Se fosse a ti, virava costas, Jerome. Esta é a Dallas Bright.

Para onde quer que se virassem, havia um par de olhos curiosos. Loren torceu os dedos à sua frente, olhando mais para o chão sujo do que para qualquer outro lugar. Pela centésima vez naquela noite, desejou ter o poder de se tornar invisível. Ou, no mínimo, de se teletransportar para as quatro paredes do seu quarto seguro e normal na penthouse.

Quando arriscou olhar para cima, avistou a meia-bruxa Sabrina a avançar para elas — a mão a segurar o copo, os cotovelos a empurrar os clientes da discoteca com uma força impressionante para alguém do seu tamanho. Os seus olhos angulares e profundos afilaram-se quando viu que Loren estava encharcada e Dallas furiosa, com uma expressão assassina no rosto.

— O que se passa? — perguntou Sabrina.

Jerome nem se dignou a olhar para ela.

— Não te metas nisto, mestiça. — O insulto feio fez com que Dallas lançasse um sorriso escarninho aos lobos.

Loren sentiu o corpo enrijecer quando viu aquele sorriso.

Lá vamos nós outra vez, pensou.

Dallas deu um passo em frente, abanando o cabelo ruivo que lhe dava pela anca, enquanto, numa mão dourada e salpicada de sardas, segurava uma Foco de madeira de freixo de 20 centímetros.

— Se vocês soubessem pensar com a cabeça certa, rapazes, tratariam de dar meia-volta antes que eu ponha um açaimé nas vossas bocas imundas. — O pedaço de ametista aninhado na ponta do emaranhado de madeira do seu bastão mágico pulsava intensamente. A magia crepitava e o seu cheiro, como fumo de velas sopradas num bolo de anos, revestia a língua de Loren à medida que ia percorrendo as suas vias respiratórias.

Mas Jerome não parecia dar importância aos seus poderes, e ainda menos à venéfica de raça pura que estava diante dele com raiva nos seus olhos verde-prateados. O pai de Dallas era general da Frota Aérea, a força militar organizada do país equipada para combater nos céus. Ser ameaçado pela filha do Barão Vermelho teria convencido a maioria das pessoas a recuar — mas, aparentemente, aquele juvenil não sabia mesmo como pensar com a cabeça certa. Ou talvez estivesse apenas demasiado bêbado para perceber que tinha encontrado uma rival à altura.

— Muito bem, acabem com isso — ressoou uma voz grave. A tensão dissipou-se quando todos os clientes se viraram para ver um segurança feitiçeiro de dois metros a abrir caminho por entre a multidão com os seus braços musculados. Encarou o grupo com um olhar frio quando se aproximou. — Todos vocês conhecem as regras: quem armar confusão é expulso.

Jerome levantou as mãos em sinal de rendição e recuou para o meio da multidão, com o amigo a seguir-lhe o exemplo.

— Não quero problemas, senhor. Não sou eu que estou a fazer ameaças com uma Foco.

Dallas virou-se para encarar Jerome, com uma madeixa de cabelo presa na boca.

— Foste tu que começaste, quando atiraste cerveja para cima da minha amiga, *otário!* — Dallas preparava-se para se lançar sobre ele, mas Loren deu um passo à frente e agarrou-lhe o braço.

— Esquece, Dallas! — A voz dela era quase um coaxar, cada palavra mais trémula do que as suas pernas. — Ele não vale a pena.

Os lobisomens desapareceram na multidão e, depois de dirigir algumas palavras severas a Loren e às amigas, o segurança voltou para o seu posto na entrada.

Agora que a agitação tinha acabado, a multidão de curiosos voltou a dançar e a beber, libertando finalmente Loren dos seus olhares.

Sabrine torceu os lábios ao olhar para o telemóvel, com o ecrã a iluminar o cabelo preto e sedoso e as linhas definidas do seu rosto entre o castanho e o dourado.

— Meninas, está quase na hora das bruxas. Devíamos chamar um táxi.
— Merda.

Loren tirou o telemóvel da mala a tiracolo para ver as horas — na esperança de que o relógio mostrasse números diferentes dos de Sabrine. Tinham feito a única coisa que ela sempre prometera a si própria que nunca faria depois do pôr do sol: perder a noção do tempo. Os autocarros não circulavam àquelas horas da noite, por isso os táxis eram a única opção.

Dallas soltou um murmúrio pensativo. Enfiou a Foco na bolsa, com a ametista brilhante a refletir na pele preta do vestido — um modelo sem alças que abraçava cada curva e recanto do seu corpo em forma de ampulheta.

— Qual é a previsão para esta noite?

Loren sentiu o sangue esvair-se do rosto.

— Nem penses, Dal. É assim que as pessoas são devoradas ou mortas à catanada. Já te esqueceste do que aconteceu no verão passado?

Dallas revirou os olhos.

— Descontrai, Lor — suspirou, apanhando o copo de vodka tônica do linóleo pegajoso. Deu um gole, tendo o cuidado de não manchar os lábios rubros, pintados não com maquilhagem, mas com um feitiço, mas mesmo assim suscetíveis ao toque. — Estava só a perguntar. Espero que tenhas noção do tempo que vamos ter de esperar por um táxi.

Custava-lhe admitir, mas Dallas tinha razão. Embora a vida noturna em Angelthene fosse limitada, as poucas discotecas e cabarés espalhados pelo centro da cidade ficavam lotados aos fins de semana, por isso os táxis eram uma raridade. Ninguém andava a pé depois do pôr do sol, a menos que não tivesse amor à vida.

Ou a menos que a lua estivesse cheia e decidissem arriscar.

Sabrine tamborilou com as unhas compridas no ecrã do telemóvel.

— O céu está quase limpo. Lua do Esturjão. — Arqueou uma sobranceira e lançou a Dallas um olhar pleno de insinuações.

O medo instalou-se no estômago de Loren.

— Se vocês querem ir a pé, força. Mas não contem comigo — anunciou.
— Prefiro arriscar e esperar por um táxi. — Afastou uma madeixa do cabelo

molhado da cara. Assim que chegasse a casa, tomaria um duche, mas primeiro teria de arranjar maneira de lá chegar inteira. A maioria das cidades sofria de infestações de ratazanas, mas o problema de pragas de Angelthene estava mais relacionado com as criaturas demoníacas que se arrastavam em quatro patas e só tinham uma coisa em mente: o sabor da carne.

Sobretudo carne humana.

Dallas encolheu os ombros e bebeu o resto da sua vodka tônica. O seu olhar sugeria que ela estava ansiosa por aprofundar aquela questão, ou talvez confrontar Loren com a impossibilidade de esta alguma vez conseguir sobreviver sem elas. Mas um olhar intencional de Sabrine cerrou-lhe os lábios.

— Chama lá um táxi — disse Dallas a Sabrine. Mas Loren já estava a tratar disso.

Não ficou surpreendida ao descobrir que as linhas estavam ocupadas. Conseguiu ligar depois de fazer duas dezenas de chamadas para várias empresas diferentes, mas, nessa altura, o relógio já marcava o fim da hora das bruxas.

Esperaram pelo táxi à porta da discoteca, sob o brilho intenso e protetor das luzes HID que normalmente se viam em estádios e armazéns. O calor seco do final do verão ameaçava queimar os ossos de Loren, e ela sentiu as pálpebras a fecharem-se enquanto se sentava na base da estátua alada de Ignis, Sua Majestade Infernal dos Sete Círculos. Só o som das buzinas dos carros a rasgar a noite e a música que escapava pelas portas de metal da discoteca a impediram de adormecer.

A lua cheia do Esturjão brilhava tão intensamente como os painéis publicitários da cidade, que anunciavam de tudo, desde grimórios e bastões mágicos até clínicas de doação de sangue para os vampiros mais civilizados de Angelthene. Havia palmeiras alinhadas de ambos os lados da Rua Gamma Pagasi, com a folhagem a balançar ao sabor de um vento ameno que trazia o aroma fumegante de creosoto e o toque fresco da salva.

Se Loren inclinasse a cabeça no ângulo certo, conseguia distinguir a ténue luz esverdeada projetada pelo campo de força protetor que formava uma cúpula sobre a cidade, cuja magia provinha da Torre de Controlo no coração Ponta Norte. O campo de força não era perfeito, mas protegia os cidadãos das forças externas, nomeadamente das criaturas que despertavam durante as Luas de Sangue. Claro que não os protegia dos perigos que já se encontravam debaixo da cúpula, mas Loren afastou esses pensamentos. A sua mente era um lugar perigoso, sobretudo quando tomada pela fadiga.

A discoteca começou a esvaziar-se à uma da manhã. Lobisomens, feiticeiros, bruxas, vampiros e seres humanos amontoavam-se em táxis que arrancavam assim que paravam junto ao passeio, na entrada bem iluminada. Algumas limusinas passavam sem se demorarem, com os vidros entreabertos e os graves dos sistemas de som a vibrar sobre o alcatrão.

— O nosso taxista é muito pastelão.

— As aulas começam daqui a sete horas — resmungou Sabrine. A luz forte da lâmpada HID conferia ao seu rosto um tom pardo e doentio. — Por este andar, não vou pregar olho.

— *Podíamos* fazer-nos ao caminho — sugeriu Dallas. Inclinou-se para esfregar os tornozelos, com a pele em carne viva por causa das tiras dos saltos altos. Quando viram as suas pernas musculadas à mostra, um lobo e um feiticeiro que passavam a cambalear fitaram-na com lascívia e assobiaram. Ela revirou os olhos e mostrou-lhes o dedo do meio.

O lobisomem abrandou o passo.

O olhar dele fixou-se em Loren e demorou-se ali. Era giro, na aceção mais convencional do termo.

Antes que ele pudesse desviar o olhar, Loren antecipou-se, baixando os olhos para o chão e fingindo um interesse repentino nas beatas de cigarro e nos bastões luminosos de néon que cobriam o passeio. Os imortais tinham pouco interesse nos seres humanos e, quando tinham, era apenas por uma hora ou uma noite. Outro motivo para não ter aceitado dançar com Jerome: para tipos como ele, Loren era um objeto de desejo. Um mero segundo numa vida gloriosamente imortal. Uma *meia-vida*.

— Tira o cavalinho da chuva, fuça peluda! — Loren olhou para cima a tempo de ver o lobo e o seu amigo feiticeiro a correrem em direção aos seus carros. Suspirou.

— Sei tomar conta de mim, Dal. — Talvez devesse refletir na pergunta de Jerome e perceber se Dallas era, efetivamente, sua guarda-costas ou desmancha-prazeres. Apesar de ela só querer o bem de Loren, esta às vezes perguntava-se se haveria alturas em que a bruxa simplesmente não conseguia lidar com o facto de não ser o centro das atenções.

Dallas resfolegou e lançou-lhe um olhar pouco simpático.

— Como se *tu* fosses capaz de o enxotar.

— Talvez fosse — retrucou Loren.

— Estás muito rabugenta hoje.

— Eu nem sequer queria vir.

— Como queiras. — Afastou-a com um gesto, como se a rapariga fosse um inseto a zumbir-lhe na cara. Loren tentou não se irritar, não dizer algo de que pudesse arrepender-se. Eram família... um bem escasso para Loren. — O que estás a fazer, Sab? A enviar mensagens picantes? — Dallas espreitou por cima do ombro de Sabrine. — Santa Ignis em brasa, não me digas que estás a estudar!

Sabrine tapou o ecrã com a mão.

— Preciso de adiantar trabalho!

— És mesmo marrona — resmungou Dallas.

Uma centelha de calor espalhou-se pelo interior do antebraço esquerdo de Loren, que olhou para a tatuagem médica que só era visível quando os seus níveis de açúcar no sangue baixavam perigosamente. A vara entrelaçada por uma serpente emitia a mesma luz azul-pálida que o bastão luminoso que ela usava ao pescoço. Pelo menos, o azul não era tão mau como o vermelho.

Abriu o fecho da bolsa a tiracolo e remexeu no conteúdo à procura da medicação, que era a melhor alternativa quando não tinha acesso a comida. O medo apertou-lhe o estômago quando percebeu que se tinha esquecido de a trazer.

— Lor — disse Sabrine, interrompendo o que quer que Dallas estivesse a dizer. — Não me digas que...

— Estou bem. — Loren forçou um sorriso de lábios cerrados em que nenhuma delas acreditou.

— Acho que devíamos ir a pé — sugeriu Dallas. Encarou Loren com os olhos semicerrados. — Eu disse-te para guardares aquele frasco estúpido na mala.

Loren já estava a ficar farta daquela noite... e da atitude de Dallas.

— Não me avisaste com tempo suficiente antes de me arrastares para fora de casa!

— Estás a arranjar desculpas — sibilou Dallas.

Loren sentiu o rosto ruborizar. Cerrou os dedos em punhos entre os joelhos e esforçou-se para não desviar os olhos da irmã.

— Escusas de estar sempre a dar-me nas orelhas, Dal...

— Parem de discutir! — gritou Sabrine, afastando-se da luz HID. — Já estou com dor de cabeça. — Soltou um suspiro, com uma madeixa de cabelo escuro a cair-lhe diante do rosto, e franziu as sobrancelhas para Loren. — A última coisa que queremos é que desmaies aqui.



— Já disse que estou bem. — Mas não estava. Claro que não. A sua visão estava cinzenta e turva, e começava a sentir que estava a flutuar, como se fosse uma das muitas folhas de palmeira espalhadas pelo passeio, agitadas por rajadas de vento.

Sabrine suspirou.

— Achas que a tua mãe se importaria se eu dormisse no teu sofá?

— Que interessa o que pensa a Taega? — resmungou Dallas. — Se ela não gostar, pode expulsar-nos a todas. — Loren e Dallas viviam em Ponta Norte, mas a espelunca a que Sabrine chamava casa ficava a sul. Se fosse a pé até lá, demoraria horas, e não teria alternativa senão aventurar-se pelas ruas emaranhadas do Bairro do Matadouro, o que simplesmente não era uma opção. Muitas pessoas desapareciam daquela zona e, quando apareciam, nunca estavam vivas.

— Lor — implorou Dallas, com o semblante marcado pela frustração. — Temos de te levar para casa.

Já não tinham grande escolha.

Sua Majestade Infernal fecharia às duas da manhã e, assim que as portas fossem trancadas, as luzes HID apagar-se-iam. O que significava que as criaturas que rondavam os esgotos já não teriam impedimentos para se aproximarem. Nenhum, exceto a lua, cujo brilho corria o risco constante de ser bloqueado pelas poucas nuvens densas que deambulavam pelo céu.

Embora sentisse um frio gelado a percorrer-lhe as veias só de pensar em caminhar àquela hora, Loren tirou os sapatos de salto alto, pegou neles com uma mão e levantou-se com dificuldade, apoiando-se nos pés doridos.

— Vamos lá, então. — Levantou o dedo indicador. — Mas nada de becos, ou dou meia-volta.

Começaram a caminhada pela Avenida Angelthene, mantendo-se à luz dos candeeiros sempre que possível. Ela juntou-se a Dallas e Sabrine numa cantoria ébria e obscena enquanto caminhavam vagarosamente, mas depressa emudeceu. Os seus pés magoados estavam salpicados de bolhas, negros e pegajosos com sabe-se lá o quê. Aquela devia ser a caminhada mais longa da sua vida e, para piorar as coisas, não viram passar um único táxi vazio.

Os semáforos mudavam de vermelho para verde, depois para âmbar e novamente para vermelho, sem que nenhum carro passasse por baixo deles. As ratazanas remexiam em caixotes do lixo virados, e gatos sarnentos observavam com olhos brilhantes a partir de becos escuros. Enquanto a

maioria das cidades tinha a sua quota-parte de sem-abrigo amontoados debaixo de toldos ou sentados nos bancos das paragens de autocarro, o nível de criminalidade de Angelthene — juntamente com o problema de pragas — era tão grave que apenas sapatos e peças de roupa perdidas cobriam o passeio. Não se via uma única pessoa a quilómetros de distância.

Ouviram um barulho de algo a arrastar e a raspar num beco próximo.

Loren sentiu um aperto nos pulmões. Lentamente, olhou por cima do ombro, com os cabelos da nuca a eriçarem-se. Folhas mortas estalaram no alcatrão.

Viu algo parado no fundo daquele beco. Algo com ombros ossudos e caídos e grandes chifres. Loren semicerrou os olhos e pestanejou com força. Desejou que fosse apenas uma partida da sua mente.

Mas a criatura deu um solavanco para a frente e começou a rastejar na direção dela, apoiada nas mãos e nos joelhos.

Susteve a respiração com um suspiro enquanto o terror lhe percorria as veias. Deu por si imóvel ao fundo do beco enquanto a criatura rastejava na sua direção e, quando já não conseguiu aguentar mais, pestanejou.

No milésimo de segundo que demorou a humedecer os olhos, a criatura tinha desaparecido.

— Vocês viram aquilo? — As palavras sussurradas quase foram abafadas pela cantoria de Dallas e Sabrine. Correu atrás delas, com um arrepio a percorrer-lhe a coluna como uma aranha.

— Anda daí, medricas! — gritou Dallas. — Mexe-te e talvez não sejas devorada. — Apesar da provocação, ela conhecia a amiga ao ponto de conseguir detetar o tom de preocupação naquelas palavras.

— Não tem graça — resmungou. Runas desenhadas a giz de várias cores decoravam o passeio debaixo dos seus pés sujos. — Ao contrário de vocês, não tenho uma Foco que possa usar se a coisa der para o torto.

Não, como humana, tudo o que ela tinha eram as suas unhas — pintadas de rosa-choque e aparadas em pontas longas e afiadas — e o spray de gás pimenta inútil que guardava na bolsa e lhe proporcionava uma falsa sensação de segurança. Pelo menos, talvez a protegesse contra seres humanos. O que ela supôs ser melhor do que nada.

A pobre Sabrine olhava para Loren com preocupação.

— Precisas de parar para descansar?

— Estou bem. — Loren tentou não deixar transparecer que estava a piscar para afastar a névoa que não devia estar a toldar-lhe a vista. A tatuagem

brilhava agora com mais intensidade, e um calor constante espalhava-se pelo braço.

— Desde que tenhas a certeza — disse Sab. Loren estava demasiado distraída pela sensação de ter o coração na boca para responder. Demasiado distraída pela escuridão enevoadada que se escondia em cada beco. Afilou os olhos para ler o letreiro por cima do cruzamento mais próximo.

Rua Canopus. O que significava que se aproximavam da Avenida da Estrela Escarlata, onde Loren trabalhava aos fins de semana numa farmácia de plantas conscientes chamada Mordred & Penelope's Mortar & Pestle. Pensou que talvez fosse boa ideia abrir a loja e ficar lá até ao nascer do sol. Teriam de dormir no chão, mas... era melhor do que ficar mais tempo na rua. E estava lá o cão, Singer, que adoraria ter companhia.

Já para não falar que a sua coleção de óleos essenciais *também* estava lá — as misturas de hortelã-pimenta e lavanda que a ajudavam a acalmar o ritmo cardíaco sempre que os ataques de pânico se aproximavam. Aqueles óleos eram uma dádiva dos céus; não sabia como tinha conseguido viver sem eles.

Dallas veio colocar-se ao seu lado, trazendo-a de volta ao presente.

— Descontraí, Lor! — Como se lhe lesse o pensamento, passou-lhe um braço pelos ombros rígidos e disse — Se te fizer sentir melhor, podemos ir até casa da Mordred e da Penny e chamar um táxi de lá. Achas que elas se importariam?

Loren mordeu o lábio inferior.

— Posso ligar-lhes e perguntar.



— Vamos demorar horas a chegar à penthouse se não o fizermos — interveio Sabrine. Ela tinha razão. Tinham subestimado o tempo que demorariam a caminhar até ao apartamento em Santa Aria. Verdade seja dita, não faziam aquele percurso com frequência. Que é o mesmo que dizer *nunca*.

Mas a sugestão de Dal não acalmou totalmente o nervosismo dela. Tinham ainda vários quarteirões entre elas e a farmácia, e não eram apenas asas criaturas demoníacas que a preocupavam.

No mundo de Terra, a sociedade era dominada por uma multiplicidade de seres, todos mais poderosos do que os humanos: lobisomens, vampiros, bruxas, feiticeiros e videntes. Loren não sabia o que seria pior: encontrar um vampiro que não usasse as clínicas de doação de sangue, ou um dos caçadores de recompensas videntes chamados *Caçadores das Trevas*, que às vezes matavam apenas pelo prazer de matar.

Porém, ela sabia a resposta: encontrar um destes Caçadores seria muito pior do que encontrar um vampiro. Sobretudo se fosse um dos Sete Demónios, o círculo mais temido da cidade, que nos últimos anos tinha alcançado o topo da hierarquia de Caçadores das Trevas de Angelthene.

Aquele pensamento causou-lhe arrepios, apesar de a noite estar quente e seca.

— Acho que devíamos ir à farmácia. Preocupo-me com a ira da Mordred e da Penny noutro dia. — Ela só esperava que as bruxas gémeas siamesas não a matassem por entrar na preciosa loja fora do horário de expediente.

Retomaram a marcha. Desta vez, ninguém se dedicou às cantorias. Loren poderia ter atribuído isso ao álcool ou à exaustão, mas tinha a sensação de que Dallas e Sabrine estavam a ficar sóbrias à medida que iam caminhando. O vento soprava com um som cavo pelas ruas, fazendo com que as folhas das palmeiras raspassem no alcatrão. Aquela cidade de oito milhões de habitantes estava assustadoramente silenciosa.

Conseguiram avançar mais dois quarteirões antes de um par de faróis varrer a estrada atrás delas e ser refletido por um sinal de Stop à sua frente. Os gritos agudos e crescentes dos pássaros que se amontoavam nas palmeiras romperam o silêncio, seguidos pelo estalar do cascalho sob os pneus à medida que o veículo avançava na direção delas. Loren abrandou.

— *Por favor*, digam-me que é um táxi. — Mas não conseguiu perceber; os faróis do veículo inutilizaram os seus olhos mortais.

O condutor travou bruscamente e Loren saltou do passeio enquanto Dallas e Sabrine continuaram a caminhar.

Loren percebeu que não era um táxi.

Os seus passos arrastados imobilizaram-se de vez e ela sentiu o coração parar de bater. Era uma berlina escura.

Aconteceu tudo muito rapidamente.

Dois homens saíram: um feiticeiro de cabelos ruivos e um vidente louro. Os olhos deste último — incluindo a parte branca — eram totalmente negros. A cor indicando que era um Caçador das Trevas em missão; ele estava a invocar o seu poder conhecido como a *Visão* para encontrar a aura que pertencia ao seu alvo. Além do preto que preenchia os olhos dele enquanto usavam a *Visão*, os videntes eram mortais como todos os outros, visto que, ao contrário dos vampiros e dos lobos, eles não tinham outras características que os distinguissem. A *Visão* era um poder exclusivo dos videntes; permitia-lhes não só encontrar indivíduos através das cores das

suas auras, mas também ver através das proteções mágicas que eram invocadas em edifícios e veículos especificamente para *esconder* as auras.

Dallas correu para junto de Loren, agarrando-a pelo pulso e puxando-a para trás de si.

O puxão repentino provocou uma dor que subiu acima pelo braço até ao ombro de Loren. O seu calcanhar bateu no passeio, fazendo-a tropeçar; os sapatos escorregaram-lhe das mãos e foram cair com estrondo no chão.

O Foco de Dallas brilhou com um branco ofuscante.

— *Exarmaueris!* — gritou ela.

O feitiço atirou o feitiçeiro contra o carro, estilhaçando o para-brisas quando a magia o projetou através dele.

Mas o vidente mal se mexeu, absorvendo o impacto do feitiço de Dallas como se fosse uma brisa — como se fosse um *refrigério*. Ele esboçou-lhes um sorriso malicioso enquanto lançava o seu próprio feitiço, com magia de vidente que dispensava Focos ou encantamentos sofisticados para ativar os seus poderes.

A magia dos videntes era absolutamente letal.

A força do ataque dele atingiu-as como um aríete.

Loren e Dallas voaram para trás. Bateram no alcatrão e rebolaram uma por cima da outra num emaranhado de membros. Loren gritou quando os seus braços e pernas foram dilacerados pelo cascalho que lhe rasgou a pele.

Sabrina gritava histericamente ao telemóvel enquanto corria atrás de Loren e Dallas, implorando à Autoridade Municipal para enviar agentes para a Rua Canopus imediatamente.

O vidente caminhava agora na direção delas, reunindo a sua magia com os braços erguidos ao lado do corpo, as palmas das mãos voltadas para a frente. O cascalho começou a pairar sobre a estrada, os fios do cabelo louro que lhe dava pelos ombros flutuavam por cima da sua cabeça como se estivesse debaixo de água.

Ele tinha um símbolo tatuado por baixo da orelha direita. Todos os videntes que eram Caçadores das Trevas possuíam tais marcas, mas Loren não reconheceu o símbolo dele. Percorreu a lista mentalmente, mas isso foi em vão: os Sete Demónios, os Anjos da Morte, os Caçadores, os Wargs, os Ceifeiros, as Víboras... Não era *nenhum* deles.

O símbolo era a cabeça de uma fénix.

Contorcendo-se de dor, Dallas levantou-se e empunhou o seu bastão. Da sombra que o corpo dela projetava emergiu o Espírito Familiar dela,

um tigre alado chamado Ghost. Negro e austero como uma silhueta, Ghost assumiu uma postura defensiva diante delas, com um rosnado gutural a permear os seus dentes arreganhados.

— Foge, Lor. — Dallas colocou-se à frente de Loren, que ainda estava estendida no passeio. O corpo da bruxa tremia e o sangue escorria-lhe pelas pernas.

Atrás do vidente, o feiticeiro estava a recuperar do feitiço neutralizador de Dallas. Tinha os braços ensanguentados e parecia bastante irritado quando se recompôs e avançou com o Caçador em direção a elas.

— Acaba com a brincadeira! — rosnou o feiticeiro para o Caçador. — Precisamos dela viva.

Loren levantou-se com esforço.

— Dallas...

— *FOGE, porra!* — gritou Dallas. — Nós tratamos deles. Eles não estão atrás de nós, Loren. Estão atrás de *ti!*

Em simultâneo com Sabrine, Dallas gritou:

— *Exarmaueris!*

A magia irrompeu em uníssono de seus bastões, e uma profusão de faíscas em tons lilás foi projetada para o céu. A poeira espalhou-se pela rua à medida que os feitiços rasgavam o ar. A força da magia sacudiu as árvores e estilhaçou os vidros das montras das lojas, com um som semelhante ao estalar de ossos.

Loren gritou e tapou a cara enquanto fragmentos de vidro zuniam pelo ar. As pegas abrigadas nas árvores grasnaram e fugiram para a noite numa explosão de penas.

Dallas empurrou Loren.

— Vai! — A voz dela falhou. — Nós já vamos ter contigo. *Prometo.* — O terror absoluto que encontrou no olhar de Dallas foi a única coisa que levou Loren a agir e a encetar uma corrida trôpega. O ar rasgava-lhe os pulmões, os músculos dos gémeos gritavam de dor enquanto ela fugia. Todos os seus instintos gritavam para que voltasse para trás e fosse ajudar as amigas; mesmo que estivesse ciente da impotência de qualquer ser humano contra um feiticeiro e um Caçador das Trevas.

Ela era inútil. *Patética.* Nunca tinha odiado tanto ser humana.

Ateveu-se a lançar um olhar por cima do ombro.

Dallas e Sabrine corriam atrás dela, com Ghost a morder-lhes os calcanhares. Mas o vidente e o feiticeiro estavam a aproximar-se. Se o Caçador

não fosse um mestiço — metade feiticeiro e metade vidente, a julgar pelo tom prateado que brilhava à volta das pupilas sempre que não usava a sua Visão —, já as teria alcançado.

Loren não sabia o que podia ter acontecido se as sirenes não tivessem soado. Uivavam pela noite, ecoando entre os edifícios e cortando os becos.

— Socorro! — A voz de Loren era um guincho agudo. — *SOCORRO!* Por favor... estamos aqui! — Dallas e Sabrine juntaram-se a ela nos braços, enquanto os seus saltos batiam na estrada. Mas dois pares de botas aproximavam-se cada vez mais, ganhando terreno a cada segundo.

Luzes vermelhas e azuis refletiam-se nas janelas escuras dos edifícios à sua frente. Loren soluçou de alívio quando as viu...

Um grito familiar rasgou o pânico que lhe latia na cabeça.

Loren cambaleou até parar por completo, com Dallas a fazer o mesmo atrás dela.

Por um segundo agonizante, o tempo pareceu parar. Loren inspirou ofegante por entre os dentes, com o sangue a rugir na cabeça, enquanto observava a cena que se desenrolava dois quarteirões atrás de si.

O Caçador das Trevas tinha conseguido agarrar Sabrine com violência, apontando-lhe o cano de uma pistola contra a têmpora enquanto a arrastava em direção ao carro e à porta traseira que o feiticeiro estava a abrir completamente.

O pavimento estendia-se entre Loren e a amiga, tão infinito como o oceano.

Loren cambaleou para a frente.

— Larga-a. — Embora a sua voz não fosse mais do que um soluço sussurrado, ela sabia que todos os ouvidos imortais na rua conseguiam ouvi-la.

— *Por favor.* O que queres?

— Quero que entres no carro. — As palavras do Caçador eram dirigidas a Loren. Não à bruxa de raça pura ao seu lado, cuja vida valia muito mais do que a dela, um mero ser humano.

Dallas tinha razão: eles estavam *mesmo* atrás dela.

Loren olhou boquiaberta para o vidente, com o coração a bater tão forte que pensou que fosse vomitar.

Porque estavam atrás dela? *Porquê?*

— Ela não vai a lado nenhum contigo — disse Dallas, com a voz rouca e trémula. A luz do bastão dela era um leve tremeluzir, um espelho da sua própria exaustão. Até Ghost estava exausto; Dallas era apenas uma aluna de

magia, por isso as suas reservas de poder eram escassas. — *Nenhuma* de nós vai contigo.

O vidente esboçou um sorriso frio. Estava prestes a dizer algo...

Dois carros-patrolha dobraram a esquina, com as sirenes a uivar. O feiticeiro praguejou ao ver os agentes da autoridade ao volante.

Loren previu o que ia acontecer.

Preparou-se para agir, para os impedir de arrastarem Sabrine para o banco de trás, enquanto os carros-patrolha paravam com um guincho de pneus, com as luzes de emergência a piscar nos tejadilhos.

Mas eles já estavam dentro da berlina. Deram meia-volta e bateram no para-choques de um carro-patrolha antes de arrancarem, com os pneus a queimar uma nuvem negra e fétida atrás deles.

Loren correu atrás do carro, com o coração na boca e o seu reflexo a esvoaçar como um espírito pelas montras das lojas. Gritou até ficar rouca. Implorou-lhes que parassem, que soltassem a sua amiga. Sabia que era inútil. As palavras não faziam diferença.

Mas tinha de tentar... por Sabrine.

Tinha de tentar por Sabrine.

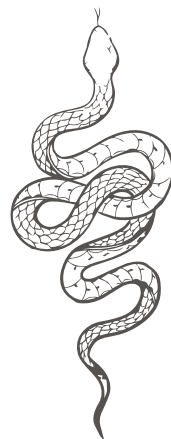
Um dos carros-patrolha correu atrás da berlina, mas nunca conseguiria alcançá-los... e ela também não.

Ainda assim, correu pela rua escura, esquivando-se de montes de lixo, com os pés a rasgarem-se nas pedras e nos fragmentos de vidro. Por mais que corresse, a berlina só se afastava mais.

Loren nunca esqueceria aquela imagem.

Sabrine, a debater-se contra o aperto do vidente, a olhar impotente pelo vidro traseiro enquanto desaparecia ao virar da esquina. O olhar de Sabrine estava completamente destroçado e cheio de angústia.

Tal como o coração de Loren.



A ovação estrondosa que ecoava pelo corredor húmido que conduzia ao Fosso era música para os ouvidos de Darien Cassel. A excitação da multidão que rodeava o ringue de combate fundo dizia-lhe que o seu adversário desta noite seria digno. Se tivesse sorte, a criatura que iria enfrentar em breve seria capaz de o fazer suar um pouco.

Darien manteve os olhos fechados enquanto alongava os ombros musculados e deslocava o peso do corpo. Aquela inquietação era mais para benefício dos seguranças meio-humanos que esperavam perto da grade em treliça ao fundo do corredor; ele tinha o hábito de ficar tão imóvel que isso deixava qualquer um inquieto, mesmo aqui em Angelthene — um lugar onde a maioria dos habitantes podia viver sem dormir e preferia o sangue de um cadáver acabado de matar às hamburguerias que pontuam a maioria dos quarteirões de qualquer cidade.

Mas, sendo ele um vidente de raça pura e o líder dos Sete Demónios, supunha que conseguia compreender a apreensão deles. Pelo menos em parte.

Ao fundo do corredor, o locutor do ringue proclamava a sua reputação. Como campeão invicto do Fosso, era o favorito dos marginais e criminosos de carreira que ganhavam a vida a fazer apostas naqueles que subiam ao ringue. Desperdícios de vida patéticos, mas isso não era da sua conta. Ele ia ali, às vezes sete noites por semana, apenas para acalmar o seu temperamento e combater os seus Surtos — embora esta noite não fossem apenas o seu temperamento ou os seus Surtos que precisavam de ser controlados.

A mãe tinha morrido há oito anos. E embora os combates servissem como um escape útil para a sua raiva, também lhe proporcionavam uma forma de esquecer, mesmo que apenas por algumas horas.

E esta noite, ele só precisava de esquecer.

Darien passou a mão tatuada pelo cabelo, alisando os fios negros do corte rente, plenamente consciente de que os seguranças o avaliavam com cautela enquanto aguardavam o sinal do locutor do ringue. Mesmo àquela distância, conseguia sentir o cheiro do medo a emanar deles como se fosse perfume. Pensou que devia ver aquilo como um elogio, o facto de ainda terem

tanto medo dele — do homem que tinha substituído o rapaz de 15 anos e coração partido que ali tinha entrado há oito anos em busca de um escape.

Mas o que ele conseguia sentir mais do que o medo deles era a criatura — a fera sedenta de carne que rondava o Fosso de gatas. O fedor oleoso da sua pele sem pelos e manchada serpenteava pelo corredor, queimando-lhe as vias respiratórias.

Uma criatura dos esgotos que detestava a luz. Só saíam dos seus covis a altas horas da noite, razão pela qual o chefe de Estado tinha recentemente proposto a ideia de um recolher obrigatório do anoitecer ao amanhecer para toda a cidade, mantendo os cidadãos em segurança enquanto dava ao Controlo de Pragas e Doenças a oportunidade de reduzir o número crescente de vermes vorazes na capital. A pena por violação do recolher obrigatório era apenas uma pequena multa, mas podia muito bem ser a própria vida do infrator se o seu corpo fosse arrastado para os esgotos para ser devorado.

A criatura estava agitada, sinal de que tinha sido capturada há alguns minutos. A julgar pelo som das suas garras dilacerantes a escavar sulcos nas paredes de betão do Fosso, não lhe agradava estar enjaulada. Nem gostava das luzes LED ofuscantes montadas por cima da plateia.

Um dos seguranças assobiou o sinal e Darien abriu os olhos. Os aplausos da multidão faziam tremer as vigas expostas do teto abobadado e faziam ressoar o chão sob as suas botas de combate. Deixou que os sons familiares o envolvessem, eletrizando-lhe o sangue.

A sua boca curvou-se num sorriso letal enquanto avançava, em direção ao Fosso e à criatura que mantinha uma população de oito milhões de pessoas escondida dentro de casa após o anoitecer.

Era chegada a altura. A altura de se perder no sangue e na carnificina, mesmo que apenas por alguns instantes.

A violência era a sua droga. O seu demónio pessoal.

Só esperava que a criatura que o aguardava no Fosso resistisse tempo suficiente para que ele não sentisse a necessidade de voltar ao ringue no dia seguinte.



Darien prolongou o combate por mais tempo do que o habitual. Estava a começar a faltar-se daquilo, mas não por exaustão. Podia facilmente continuar por muito mais tempo do que os 16 minutos e 34 segundos que o cronómetro pendurado por cima do Fosso anunciava.

Estava simplesmente a ficar enfadado.

O demónio ergueu-se nas patas traseiras e soltou um rugido húmido que lhe fez vibrar os tímpanos e deixou a multidão a espumar de excitação.

A fera tinha uma boca cheia de dentes serrilhados, negros como obsidiana. Os chifres curvos de cada lado da cabeça quase translúcida eram prova do tempo que tinha de vida. Aquele era uma das criaturas demoníacas mais fortes, e mesmo assim aborrecia-o de morte. Precisava de encontrar adversários melhores — um desafiante que valesse o seu tempo precioso.

Sentindo que estava a ser observado por um olhar não toldado pelo álcool e pelos opiáceos, Darien inclinou a cabeça para trás para observar o público a gritar. Centenas de bêbados que tresandavam a mijó estavam amontoados desde as bancadas até às vigas, gritando apostas e trocando gestos para comunicarem entre si enquanto acenavam com punhados de mynet no ar denso de fumo. Não havia cordas ao redor do perímetro do Fosso; se alguém caísse lá dentro, seria presa fácil. Nos anos que Darien levava de combates naquele ringue, esse tinha sido o destino de vários espectadores.

Nenhum deles sobreviveu para contar a história.

Como Darien desconfiava, muito acima das paredes do Fosso, avistou uma figura familiar. No mar de corpos suados e agitados, o mensageiro era o único indivíduo imóvel. Usava a mesma máscara de coelho branco de sempre, com roupas pretas anónimas. Era uma convocatória à qual todos os Caçadores das Trevas respondiam: quando a máscara aparecia, significava que uma oferta de trabalho estava a caminho.

Estava na altura de pôr fim ao combate.

Darien atirou-se à criatura quando este fez um movimento, atirando-se à sua jugular com um rugido e com as mandíbulas a baterem.

Desviando-se para a esquerda daqueles dentes brilhantes, Darien desferiu um golpe com força, e os seus dedos perfuraram o esófago da criatura. Engasgou-se e contorceu-se em agonia, enquanto as patas procuravam apoio na areia.

Darien enfiou a mão mais fundo, torceu... e arrancou-lhe a garganta.

O corpo desabou na areia encharcada de sangue, numa pilha de carne trémula.

Se achava que a multidão já estava a aplaudir ruidosamente, isso não era nada comparado com o barulho ensurdecedor que agora trovejara pela arena.

O alvoroço ameaçava estilhaçar a claraboia turva mais acima.

— *Anuncia o resultado* — gritou Darien ao locutor meio humano, cujo rosto tinha empalidecido.

— A vitória é tua — balbuciou o homem.

Esfregando as mãos ensanguentadas nas calças de ganga rasgadas e manchadas, Darien voltou a passar os olhos pela plateia.

Percebeu que o coelho já tinha desaparecido.



Assim que Darien terminou de se limpar no balneário degradado na cave do recinto, dirigiu-se para os portões de ferro forjado à frente do edifício em ruínas.

O cabelo escuro ainda estava molhado do duche, a camisa branca de mangas compridas e as calças de ganga desbotadas colavam-se à pele húmida e bronzeada. O saco de viagem pendurado no ombro estava cheio de roupas ensanguentadas e do tipo de armas que só estavam à disposição de um Caçador das Trevas, juntamente com os sais estígios que ajudavam a sua Visão. Os sais eram uma droga de passagem — literalmente. Abriam as comportas da magia dos videntes e permitiam-lhes ver a aura de um indivíduo — assim como penetrar as proteções mágicas na maioria dos edifícios e veículos — por um longo período de tempo, facilitando sobremaneira a deteção remota dos alvos para pessoas como ele e os seus Demónios.

O vento soprava em rajadas pela rua empoeirada, fazendo balançar as palmeiras e os ciprestes que ladeavam os passeios. À exceção de um ou outro viciado ou prostituta desesperada a vaguear pelas sombras, a cidade estava praticamente deserta àquela hora, sobretudo nos bairros degradados, onde a maioria dos postes de iluminação tinha sido destruída há muito tempo. A Lua do Esturjão estava a cruzar a linha do horizonte, e o céu começava a tingir-se de um cinzento baço à medida que o amanhecer se aproximava.

Mais uma noite bem passada no seu antro preferido. O ringue de combates clandestinos ficava situado no Bairro do Matadouro, não muito longe dos locais onde processavam todo o tipo de carnes imagináveis; num lugar como aquele, tudo o que respirasse podia fazer parte da ementa, e nenhuma preferência — por mais repugnante que fosse — constituía uma impossibilidade.

Do outro lado da rua, onde estava estacionado junto ao passeio coberto de lixo, o carro dele espreitava como um morcego na escuridão que ainda se demorava. Ao contrário de qualquer outro veículo cujo dono se atrevesse



Ela é humana.
Ele é um Caçador das Trevas
enviado para a matar...
não para se apaixonar por ela.

Numa cidade dominada por
vampiros, bruxas e lobisomens,
o amor é o jogo mais mortal de todos.



CASA DOS DEMÓNIOS
LIVRO 1



OTHER SIDE

é uma coleção **SECRET SOCIETY**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](#)
[@secretsocietypt](#)
[#seekthebutterfly](#)

ISBN: 978-989-5961-59-7



9 789895 961597